

# Apresentação

**E**nquanto era gestado este número de *C&p*, o Brasil enfim começava a conhecer o perfil do novo governo Lula, à medida que se concluía reforma ministerial arquitetada em modorrenta lentidão. Além deste, seguia e segue dominando o noticiário o tema da violência, talvez a única das nossas mazelas que, atingindo preferencialmente as camadas mais pobres da população, vítima também com freqüência alarmante indivíduos das classes média e alta, gerando, por isso, um quadro de insegurança generalizada no país da desigualdade – quadro esse que, no seu dia-a-dia, a imprensa acompanha de modo geralmente superficial, mais sensacionalista e mercadológico que conseqüente e reflexivo.

Preocupam-se, ainda, os grandes meios, com o propalado ‘*déficit*’ da Previdência, e 9 entre 10 especialistas ouvidos por essa imprensa isenta e democrática opinam que o caminho é a redução dos benefícios assegurados pela Constituição, deixando intocados – o tema, aliás, é omitido – os desvios daqueles recursos que a mesma Carta destina ao financiamento da Seguridade Social (como a COFINS e a Contribuição Social sobre o Lucro Líquido das empresas). Trata-se da defesa de um modelo em que, como critica Paulo Passarinho, do Sindicato dos Economistas do Rio de Janeiro, “Usar recursos fiscais para pagamentos de juros é válido. Usar para o pagamento de aposentadorias e pensões para idosos é pecaminoso...”. É a perspectiva sombria, delineando-se no horizonte sob a

hegemonia conservadora, da insegurança pública somada à insegurança social.

De par com isso, acadêmicos, articulistas e apresentadores de telejornais nos brindam com uma tese admirável, qual seja, a de que não existe racismo no Brasil. Açulados pelas controvérsias em torno das cotas para afro-descendentes nas universidades públicas (tema sintomaticamente muito mais polêmico que o das cotas para mulheres nos partidos políticos e o das cotas para deficientes físicos nos concursos públicos, ambas instituídas sem ruído), esses analistas e comentaristas ressuscitam sem ruborizar a velha tese da ‘democracia racial’, desmentida cotidianamente nos mais diversos âmbitos da vida brasileira. Como se sonhassem tornar inócua, de um momento para o outro, num passe de mágica, a célebre advertência de Joaquim Nabuco, segundo a qual não basta abolir a escravidão, mas é preciso acabar com a obra da escravidão. E aqui trazemos à memória o professor Florestan Fernandes, que em obras como *A revolução burguesa no Brasil* questionava: por que este país é tão profundamente dominado, no plano político, pelo conservadorismo? Por que, aqui, propostas de mudança as mais moderadas surtem o efeito de bombas?

Neste contexto, *C&p* vem à luz insistindo em teses que sempre procurou discutir e difundir, como a necessidade de integração do Brasil consigo mesmo e com seu entorno regional, e a necessidade – igualmente imperiosa – de denúncia e superação do sistema do capital. Além disso, e em consonância com essas preocupações, acolhe em suas páginas exemplos de criação literária e de pensamento filosófico comprometidos com a celebração da vida.

**Pedro Amaral**